A excelência na educação – Parte III *por José Veiga de Faria*

NOTA INICIAL – *Numa altura em que parece haver vontade de ajustar o ensino da Matemática às exigências de um mundo em rápida mudança, mas pelo que vi na transmissão de sexta-feira das discussões no CCB há muita entropia num problema muito sério que devia ser tratado com pinças, decidi relembrar a visita que Cédric Vilani fez a Portugal em fins de 2015 e concretamente a Conversa com o público no Centro Cultural de Cascais.*

É um muito pequeno contributo da minha parte mas as sugestões aqui deixadas, vindas de quem vêm, acho que devem merecer particular atenção.

Pois em Outubro de 2015, com uma audiência de meia dúzia de estudantes desinteressados e alguns professores, não muitos e quase todos do St. Julian School (como pode ver nos vídeos existentes na net as apresentações de Cédric Vilani costumam ser em grandes anfiteatros cheios de uma assistência embevecida), uma professora, penso que do colégio referido, decidiu fazer uma pergunta inteligente, aquela cuja resposta mais podia aproveitar ao nosso sistema de ensino secundário.

Pergunta:

O que recomendaria para melhorar o nível da aprendizagem matemática no secundário?

Resposta (depois de pensar intensamente):

- Quantos de vocês já fizeram um programa informático? perguntou dirigindo-se aos alunos presentes, penso que do St Julian School.

Só um levantou o dedo.

- Pois todos deveriam já ter feito um programa. Um programa tem muito de parecido com uma demonstração matemática e a experiência de programar pode trazer uma melhoria importante na qualidade da aprendizagem do aluno.

Relembro ainda a resposta a uma outra pergunta que foi feita na altura.

Pergunta:

Como ajudar os jovens com dificuldade em Matemática?

Resposta (resumo):

Em geral os jovens sentem-se tolhidos perante um problema porque não conseguem dar o primeiro passo: o medo de errar tolhe-os. A melhor forma de contornar isto é recorrer a histórias e jogos que captam o seu interesse e onde, envolvendo-se, conseguem exercitar as suas capacidades.

Também sugeriu que o professor se envolvesse com os alunos na busca de uma solução para um problema, sugerindo ângulos de ataque, pensando em conjunto, avaliando vantagens e inconvenientes das linhas de pensamento: de uma forma estimulante para o aluno sentir que estava a conseguir avançar.

Confrontá-los com soluções acabadas? Má ideia.